

RESUMO - REVOLUÇÕES NORTE-AMERICANAS

Texto 1:

1776: A Primeira Revolução Americana – a independência dos EUA

“A história da moderna e civilizada América se abriu com uma dessas grandes guerras, realmente libertadoras, realmente revolucionárias, das quais tem havido tão poucas em comparação ao vasto número de guerras de conquista que, como a atual guerra imperialista, foram causadas por disputas entre reis, latifundiários ou capitalistas sobre a divisão das terras usurpadas ou ganhas ilicitamente. Esta foi a guerra do povo americano travada contra os ladrões britânicos que oprimiam a América e a mantinham na escravidão, da mesma forma como esses sanguessugas ‘civilizados’ ainda oprimem e mantêm na escravidão colonial centenas de milhões de pessoas na Índia, Egito e em todas as partes do mundo”. (Lênin, em carta aos trabalhadores americanos).

A independência dos EUA do império britânico foi importantíssima para o mundo moderno, foi o primeiro processo revolucionário de independência do “novo mundo” e cumpriu um papel de fortalecer e irradiar os questionamentos ao antigo regime. Esta se deu contra a nação capitalista mais rica e desenvolvida da época, a Inglaterra e ocorreu ainda antes da grande revolução francesa burguesa de 1789. Alguns historiadores afirmam que a Revolução Americana foi o prelúdio da Grande Revolução Francesa, antecipando o que estava por vir logo a seguir na Europa.

A Colonização Inglesa na América do Norte

Para compreender os fatores que levaram a Revolução que estouraria nas 13 colônias americanas na década de 1770, é importante retornar ao século anterior e entender o processo de colonização da América pela Inglaterra.

A colonização inglesa teve início em 1607, na região da Virgínia, pela família real, com a concessão de terras às companhias de comércio para exploração e implantação de colônias e com a doação a famílias nobres ou da alta burguesia. Depois disso, o processo de colonização britânico ganhou força com a política de cercamentos¹, que expulsou os pequenos agricultores de suas propriedades na Inglaterra, forçando-os a buscar outras possibilidades no Novo Mundo. Concomitantemente, os conflitos religiosos que tomaram conta da Inglaterra após a reforma anglicana também motivaram a imigração dos puritanos (calvinistas)² ingleses para a América.

No ano de 1620, o navio Mayflower saiu da Inglaterra com um grupo de artesãos, pequenos burgueses, comerciantes, camponeses e pequenos proprietários interessados em habitar uma terra onde poderiam prosperar e praticar o protestantismo livremente. Chegando à América do Norte naquele mesmo ano, os colonos fundaram a colônia de Plymouth – atual estado de Massachusetts – que logo se transformou em ponto original da chamada Nova Inglaterra.

As distintas vias de colonização se expressaram com o tempo na formação das regiões e na organização econômica, social política das regiões Norte e Sul.

Na região sul, o clima subtropical, o solo fértil e as planícies cortadas por rios navegáveis consolidaram um modelo de colonização em base ao sistema de *plantations*, com grandes fazendas monocultoras produtoras de tabaco, arroz, índigo e algodão. Nestas fazendas a grande demanda por força de trabalho favoreceu a adoção da mão de obra escrava vinda da África. Como havia tanta terra disponível, era difícil manter trabalhadores livres nas fazendas do sul, os homens livres preferiam se mover para o Oeste e se estabelecer em sua própria propriedade, levando à dependência crescente do trabalho de escravos e de servos contratados como aprendizes, e maiores tensões entre as classes.³

Incidentes como a Rebelião do Bacon de 1676⁴, em que servos contratados como aprendizes, negros e brancos, lutaram contra seus exploradores comuns, e que até mesmo incendiaram a capital do estado de Virgínia, Jamestown, também produziram um impacto no curso do desenvolvimento do país⁵. Junto com isso, em 1649, com a deposição e execução do rei Carlos I da Inglaterra na sequência da Guerra Civil Inglesa e proclamação da República sob Oliver Cromwell, antigos defensores da monarquia vieram para as colônias do sul, onde se tornaram

grandes proprietários de terras e escravos, fazendo surgir uma sociedade altamente hierarquizada, rural e conservadora.

As colônias do Norte, por sua vez, se tornariam abrigo daqueles que fugiam de perseguições religiosas, que queriam uma sociedade mais igualitária e tinha a educação como prioridade, desta forma, a chegada de tais colonos às novas terras tornaria sua sociedade particularmente independente da metrópole inglesa. A colonização de povoamento teve que superar grandes dificuldades que com a posterior consolidação de pequenas propriedades e o uso de mão de obra livre permitiram a formação de um comércio diversificado sustentado pela introdução da manufatura e o surgimento de um mercado consumidor.

A região central, teve um processo de ocupação tardio, ficou marcada por uma economia que mesclava a produção agropecuarista com o desenvolvimento de centros comerciais manufatureiros. As primeiras colônias centrais apareceram por volta de 1681, com a fundação das colônias do Delaware e da Pensilvânia. Durante a independência das colônias, esta região teve grande importância na organização das ações que deram fim à dominação britânica.

Embora de maioria inglesa, os Estados Unidos, desde o início, eram uma mistura étnica, cultural e também de classe: com holandeses, franceses, ingleses, escoceses, alemães, espanhóis, nativos americanos, africanos e outros. Pessoas de todas as classes e de todas as origens chegaram para fazer uma vida nova: soldados, artesãos, fazendeiros, moleiros, padeiros, maquinistas, criminosos, advogados, artesãos especializados e não especializados, traficantes, peleteiros, comerciantes, banqueiros, pregadores, pescadores, contrabandistas, ricos, pobres, religiosos marginalizados e assim por diante, 35% dos quais eram servos ou escravos. Desta forma milhares de colonos se instalaram no continente durante o século XVII, tomando as terras que pertenciam aos habitantes originais, os povos indígenas.

Tudo isto enxertado em um ambiente muito diferente e até então não regulamentado, selvagem e muitas vezes hostil, com diversos climas, flora, fauna e geografia, para não mencionar os milhões de nativos americanos. Isto inevitavelmente levou desde o início à criação de instituições sociais, culturais, políticas, religiosas e legais únicas, que, com o tempo, se separaram cada vez mais das instituições da metrópole. O “robusto individualismo” e o “espírito de fronteira” típicos de muitos americanos têm suas raízes neste período.

Em 1776, um de cada 4 ingleses viviam nas colônias americanas, que tinham uma população de 2,5 milhões de habitantes. Era um importante componente econômico do vasto Império Britânico, particularmente quando se tratava de comércio e navegação.

A necessidade de mudar, une americanos de distintas regiões e classes na luta pela independência

Diferentemente das colônias portuguesas e espanholas, as 13 colônias gozavam de um sistema de auto governabilidade e relativa autonomia política, embora fossem vinculadas às leis inglesas. Havia uma crescente identidade nacional, uma história comum e uma atitude diferente, com o tempo e de forma implacável cresceu a necessidade de uma maior independência política e econômica.

No século XVIII, a autonomia da colônia americana foi progressivamente diminuída com diversas restrições e imposições da metrópole, que passou, por exemplo, a proibir as 13 colônias de terem fábricas que competissem com indústrias inglesas. As colônias eram forçadas a comprar e vender somente com mercadores britânicos, em vez de comerciar livremente com quem oferecesse melhores oportunidades. Eram forçadas a importar mercadorias britânicas caras, em vez de produzi-las em casa, onde abundavam recursos naturais e a capacidade de produzir bens de qualidade estava crescendo. Eram forçadas a contrair empréstimos dos bancos britânicos e muitas delas estavam profundamente endividadas sem nenhuma possibilidade de escapar. As muitas tarifas, taxas e obrigações levaram a um auge cada vez maior do contrabando, e muitas novas fortunas foram feitas contornando as leis.

A Guerra dos Sete Anos, travada contra a França na disputa das terras americanas, apesar da vitória, deixou a Inglaterra em péssima situação financeira. O Parlamento Britânico decidiu que para se reequilibrar, deveria cobrar mais tributos das colônias. Assim, foram aprovados vários novos impostos para produtos de uso diário dos colonos – como açúcar, selo e chá. Essas medidas foram muito impopulares gerando protestos e boicotes a metrópole.

As taxas impostas a 3.000 milhas de distância por um Parlamento no qual os colonos não tinham nenhuma voz se tornaram intoleráveis. A insatisfação na colônia crescia a cada medida restritiva, a cada novo imposto criado.

Na década de 1760, amplas camadas da sociedade colonial estavam gradualmente se unindo contra os britânicos – mas por distintas razões de classe. Os ricos comerciantes e os proprietários de plantações porque estavam endividados e impedidos de aumentar seus lucros pela camisa de forças da metrópole. As massas de trabalhadores insatisfeitas com suas condições de vida e trabalho também queriam mudanças e viram na derrota do inimigo externo uma possível solução dos seus problemas. Então, temporariamente, os interesses dos ricos e dos pobres coincidiram, e a raiva foi dirigida ao inimigo externo.

Mas as formas como as duas classes antagônicas da sociedade americana expressavam suas frustrações eram muito diferentes. Enquanto os ricos queriam meramente negociar melhores termos para eles, as massas de trabalhadores urbanos e os pequenos produtores rurais tomavam as coisas cada vez mais em suas próprias mãos. Enquanto os ricos a princípio queriam incitar as massas para utilizá-las cinicamente como alavanca contra a Coroa, os protestos adquiriam vida própria, e frequentemente se tornavam violentos.

Com a lei do selo (que taxava jornais, revistas, licenças comerciais, etc.), por exemplo, os colonos se revoltaram. Organizações como os filhos da liberdade (Sons of liberty) foram formadas e retratos de GreenVille⁶ queimados. Discursos exaltados foram proferidos em praça pública enquanto os colonos impediam a venda de selos. O descontentamento geral se difundia pela sociedade.

As assembleias coloniais passaram a questionar o direito do governo inglês de tributar os habitantes, uma vez que as 13 Colônias não tinham representação qualquer no Parlamento inglês⁷.

Os boicotes foram direcionados as propriedades comerciais, agências governamentais de cobrança foram incendiadas. Como em todos os processos revolucionários, a consciência das massas foi rapidamente transformada. As massas continuavam a se orientar cada vez mais à esquerda, adotando um programa e ações cada vez mais radicais.

Diante dos protestos massivos a metrópole suspendeu as novas taxas do açúcar e do selo.

A burguesia prometia lealdade ao rei desde que não se tomassem medidas arbitrárias por parte do parlamento como instituir novos impostos sem a devida representação e negociação.

Em 1773 o novo ministro do tesouro britânico Lorde North propõe ao parlamento uma nova lei, lei do chá (Tea act) que concedia a companhia comercial britânica, o direito de vender chá aos colonos americanos com redução das tarifas alfandegárias. Isso diminuiria o preço do produto afetando diretamente o comércio e o contrabando do local. Em protesto a nova lei, várias frotas com carregamento de chá foram impedidas pelos colonos de atracar nas cidades portuárias americanas. Em Boston (Massachusetts), homens vestidos de índios tomaram os navios britânicos no porto e lançaram 45 toneladas de chá ao mar. Esse episódio passou para a história como a festa do chá de Boston.

Sam Adams e os Filhos da liberdade

Sam Adams, revolucionário democrata, coordenou o boicote em massa de produtos britânicos e dos comerciantes americanos, foi ele quem apelou pela convocação do Congresso Continental, e era um grande articulador político ligado ao movimento de massas. Organizou os Filhos da Liberdade e o Comitê de Correspondência, uma rede de radicais que se espalhava a partir da Nova Inglaterra, ajudando a unificar e coordenar a rebelião nas colônias. Somente em Massachusetts, havia cerca de 300 Comitês de Correspondência, em um estado que tinha somente 450 mil habitantes naquela época.

Isto foi o mais perto de uma vanguarda ou partido revolucionário que podemos encontrar na época da revolução. Sam Adams entendia a necessidade de uma liderança audaz e perspicaz, de um programa revolucionário e da disciplina e organização. Ele também entendeu melhor que ninguém a necessidade de conectar as ideias revolucionárias com o movimento das massas, e era muito hábil nisto.

Intervenção Britânica ascende e unifica a luta por liberdade e democracia

Em represália, a Inglaterra adotou medidas repressoras conhecidas como leis coercitivas ou leis intoleráveis. O porto de Boston foi fechado até que se restabelecesse a ordem e os direitos políticos da assembleia de

Massachusetts foram reduzidos. Somente a coroa poderia nomear juizes, magistrados e autoridades policiais. Foi nomeado um novo governador para a colônia, o general Tomas Cage, que manteve Massachusetts sob controle militar.

A repressão e intervenção da coroa ascendeu e unificou as mais distintas camadas das sociedades contra o domínio britânico. Não só as massas urbanas – artesãos, mecânicos, operários assalariados e lojistas – como também os lavradores, os fazendeiros, os homens da fronteira do Oeste, até os proprietários de plantações no Sul, enfrentando a ruína econômica devido às suas dívidas, entraram na luta.

As massas começam a se organizar por baixo. Tabernas, cafés e salas de reunião municipais, particularmente na Nova Inglaterra, tornaram-se foco de agitação revolucionária. Embora somente 1.500 cidadãos de Boston tinham direito, por qualificações de propriedade, de participar e votar, os radicais tinham uma galeria instalada e milhares lotavam as reuniões para ouvir pessoas como Samuel Adams falar. Elementos de poder dual iam se desenvolvendo, as massas organizadas tomavam decisões desafiando os governadores britânicos e as legislaturas instaladas. A impressão e circulação de jornais e panfletos radicais como o Senso Comum de Thomas Paine, também aumentou dramaticamente, enquanto a sede de ideias das massas crescia exponencialmente. Este é um claro exemplo da necessidade e do papel da imprensa revolucionária, para espalhar as ideias revolucionárias e unificar a luta nacionalmente.

Enfrentados a esta radicalização, que ameaçava “sair do controle”, cada vez mais, grandes comerciantes que tinham coqueteado com a revolução, perdiam a cabeça e se passavam para o lado da reação, apesar do fato de que seriam eles os eventuais beneficiários da derrubada revolucionária dos antigos governantes.

A defesa da “liberdade” e “democracia” frente à “tirania” da coroa apareciam no centro do conflito. A Independência não era a intenção inicial de muitos dos líderes ou das próprias massas, até o Verão de 1776, e mesmo depois. Mas a necessidade tende a encontrar um caminho para se expressar, e logo os eventos, como uma bola de neve, ganharam vida própria.⁸

As aspirações das massas empobrecidas e dos “tipos medianos” – como era chamada a nascente pequena burguesia – se expressavam nas ideias crescentemente radicais e revolucionárias, nas palavras e ações de pessoas de origem britânica como Thomas Paine; do dono de plantação na Virgínia, Thomas Jefferson; do homem do renascimento Benjamin Franklin; e do inigualável agitador e organizador Samuel Adams, de Boston. Eles faziam parte da ampla ofensiva ideológica mundial da classe capitalista então progressista, contra o feudalismo decadente e a Igreja. Apesar dos esforços da censura, havia mais possibilidades de expressar essas ideias na América, uma vez que os autores e as gráficas estavam a milhares de milhas de distância das autoridades estatais na Europa.

O Primeiro Congresso Continental - Os de cima vacilam, enquanto os de baixo empurram a revolução

Em 1774 na Filadélfia foi estabelecido o primeiro congresso continental com os representantes descontentes das colônias. Condenaram as leis intoleráveis e declararam lealdade a coroa desde que não sofressem com impostos e mantivessem a sua liberdade e consentimento político tal como era antes da guerra dos sete anos. A independência não era o objetivo, eles só queriam restituídos àqueles direitos que lhe foram tirados.

Thomas Jefferson⁹, proprietário da Virginia e um dos autores da declaração da independência, escreveu em 1774 para o primeiro congresso continental um documento de instrução aos seus delegados sobre o que deveria ser direcionado ao Rei George III:

“Abra seu coração, senhor (O Rei) ao pensamento liberal expandido. Não permita que o nome George III seja uma nódoa na página da história (...) Não mais persevere em sacrificar os direitos de uma parte do império aos desejos desordenados de outra; trate a todos com direito igual e imparcial (...) Não é nosso interesse separar-nos da Inglaterra(...) não os deixe pensar em impedir-nos de ir a outros mercados dispor das mercadorias que eles não possam usar ou de suprir as necessidades que eles não podem preencher. Menos ainda propor que nossas propriedades, em nossos próprios territórios, sejam tributadas ou reguladas por qualquer poder que não seja o nosso”.¹⁰

A criação de um exército próprio, americano, uma passo fundamental para a ruptura

Mas a Coroa não recuou, ao contrário. Entre o primeiro e o segundo congresso continental (10 de maio de 1775) houve repressão militar pela coroa Inglesa, as milícias coloniais resistiram, ainda que sem a organização formal de

um exército. Semanas antes do Segundo Congresso Continental, tropas britânicas entraram em confronto com grupos de colonos armados, isso gerou uma radicalização de uma parte importante dos colonos, e uma ruptura definitiva destes com a Coroa, e finalmente foi criado um exército liderado pelo virginiano George Washington.

Depois das primeiras escaramuças em Lexington e Concord, uns 20 mil homens armados de lugares tão longínquos quanto Vermont e New Hampshire inundaram a área de Boston e sitiaram a cidade. Estes eram trabalhadores comuns, agricultores, os pobres e pequenos artesãos. Esta foi um verdadeiro levante armado de massas, em desafio aberto ao estado.

A formação do Exército Continental sob o comando de George Washington foi uma tentativa de trazer alguma ordem e hierarquia às fileiras das forças coloniais que já estavam lutando. O exército britânico era a máquina de guerra mais profissional do planeta, uma força intimidante e mortal. Do lado americano um bando de soldados irregulares, maltrapilhos, pobremente treinados. Contudo, os colonos em revolta – as camadas mais pobres e marginalizadas daquela sociedade – estavam inspirados pelos ideais de liberdade genuína e pela promessa de uma vida melhor para todos.

Os soldados americanos ganharam batalhas fundamentais em momentos cruciais da guerra, que, impulsionaram fortemente o moral da causa rebelde. Eles contribuíram mais do que como soldados em campanha, aprovisionando e suprindo o exército, manufaturando mosquetes, canhões e munição, contrabandeando produtos através das linhas britânicas e comprando títulos do Congresso Continental com suas parcas poupanças para financiar o esforço de resistência.

A Declaração da Independência e o início formal da Guerra revolucionária

O segundo congresso continental fez um último apelo ao rei, com a *branch petition* (petição do ramo de oliveira) confirmando a lealdade à coroa e pedindo condescendência aos súditos das treze colônias.

A recusa dessa petição foi o estopim para em **4 de julho de 1776** o congresso declarar a independência das treze colônias do império britânico e apresentar publicamente a **declaração de independência dos Estados Unidos**.

A guerra propriamente dita só estourou depois da entrega da Declaração de Independência e a criação oficial dos Estados Unidos da América. Para convencer habitantes ainda indecisos, o inglês Thomas Paine (1737-1809), escreveu um livreto em forma de panfleto intitulado “Senso Comum”, inspirado pelos ideais iluministas, defendia a necessidade de se separar de um governo déspota, que apenas explorava e prejudicava as 13 Colônias.

*“Admitindo-se porem que somos todos de ascendência inglesa, o que significa isso? Nada. A Bretanha, sendo agora um inimigo declarado, todos os outros nomes e títulos desaparecem: e dizer que nosso dever seria a reconciliação seria ridículo. O primeiro rei da Inglaterra na presente linhagem (Guilherme, o conquistador) era francês e a metade dos nobres da Inglaterra são descendentes do mesmo país; sendo assim, se seguíssemos o mesmo método de raciocínio, a Inglaterra deveria ser governada pela França.”*¹¹

Uma Guerra dentro da Guerra

Diversos e divergentes interesses de classe estavam em jogo, então não é de admirar que a guerra não foi somente contra os britânicos; foi também uma guerra civil entre os próprios americanos. Estima-se que em torno de 400 mil americanos serviram nas forças armadas durante o curso do conflito. Mas uns 50 mil destes serviram do lado dos britânicos, suplementando os soldados regulares britânicos. Este é um número significativo, dado que as forças de Washington nunca excederam os 90 mil homens em um momento dado, e estavam abaixo frequentemente dos 12 a 15 mil homens.

As forças de Washington também foram atormentadas por doenças, deserções, liderança incompetente, corrupção e pelas brigas no Congresso Continental que os privavam de fundos e abastecimento. Os soldados também se amotinaram em muitas ocasiões, dados o trato duro e as condições que suportavam, enquanto Washington e Cia ficavam em conforto relativamente luxuoso como os reis guerreiros de antigamente.

É verdade que as forças dos EUA foram superadas em grande medida contra os regulares britânicos, pelos americanos treinados que lutavam pelos britânicos, e pelos mercenários trazidos pela Coroa Britânica. Os colonos perderam a maioria de suas batalhas e geralmente eram obrigados a “lutar como índios” – uma guerra de

guerrilha. No entanto, os colonos pró-independência seguiram em frente, recebendo eventualmente o apoio de milhares de soldados franceses e da marinha francesa.

George Washington não era nenhum Napoleão, mas entendeu a necessidade de apelar à opinião pública e ao papel do moral na guerra. Vitórias importantes do Exército Continental, como na **Batalha de Trenton**, tiveram tremendo valor moral, e mostraram que o exército regular britânico e as forças mercenárias podiam ser derrotados.

França e Espanha entram na guerra do lado dos americanos

A guerra de independência contra a antiga metrópole duraria até 1781, quando os colonos, apoiados pela França, Países Baixos e Espanha, derrotaram definitivamente as tropas inglesas na batalha de Yorktown, cidade da Virgínia, e o general britânico Cornwallis entregou as armas aos colonos.

Mas a guerra só foi encerrada formalmente dois anos depois, em 1783, com a assinatura do Tratado de Paris, onde a Inglaterra reconheceu pela primeira vez a independência dos Estados Unidos da América. Em 1788, a primeira Constituição do novo país – com fortes influências iluministas – foi promulgada.

Independência, expropriação e revolução Social

As transformações sociais que resultaram da guerra revolucionária e suas consequências foram significativas. Neste sentido, foi uma verdadeira revolução social e não meramente uma revolução política. De fato, com relação ao tamanho da economia e da população, a Revolução Americana resultou em uma das maiores expropriações de propriedade privada na história mundial.

Só no estado de Nova Iorque, todas as terras e rendas da Coroa e mais de 2,5 milhões de acres de propriedades senhoriais foram expropriados, incluindo a casa Van Rensselaer, que tinha dois terços do tamanho de todo o estado de Rhode Island, e a fazenda Phillipse, que se estendia por mais de 300 milhas quadradas. Na Carolina do Norte, a fazenda de Lord Granville, compreendendo 1/3 de toda a colônia, foi também expropriada. A situação era similar em estados como Pensilvânia e Virgínia. Estas terras foram então divididas em milhares de pequenas parcelas, uma reforma agrária de longo alcance, um dos pilares da revolução nacional-democrática. Isto resultou no surgimento de uma grande classe de fazendeiros pequenos e independentes. Milhões de dólares de outras formas de propriedade também foram expropriados – sem compensação. Muitos daqueles que tiveram suas propriedades confiscadas e que não fugiram do país foram lançados de volta para o monte de pessoas “normais” que tinham de trabalhar para viver.

Além disso, os requisitos de propriedade para o sufrágio foram afrouxados, com a propriedade da terra não mais servindo para habilitar o voto. As igrejas oficiais que existiam em algumas das colônias também foram separadas dos fundos do estado uma vez que a separação da igreja do estado finalmente se tornou lei em todas as colônias. E embora a escravidão tivesse um novo sopro de vida depois da invenção do descaroçador de algodão no início do século seguinte, ela foi abolida imediatamente em seis das colônias, e a milhares de escravos foi concedida a liberdade também no Sul. Além disso, o comércio de escravos foi legalmente proibido – embora, na prática, tenha continuado durante décadas.

Uma nova classe dominante de novos-ricos cresceu quase da noite para o dia, enquanto advogados, artesãos especializados, comerciantes e banqueiros se levantavam para preencher o vazio deixado pelos conservadores em fuga e pelos empregados coloniais britânicos. Estima-se que pelo menos 100 mil, e talvez 200 mil conservadores fugiram do país, principalmente para o Canadá, alguns para a Grã-Bretanha. Foi talvez a mais massiva emigração política e econômica da história moderna; 10 vezes mais do que os que fugiram da França durante o “Reino do Terror”, em 1790. Esses emigrados representavam a nata da terra colonial, representando nada menos que a metade dos proprietários mais educados e ricos da Nova Inglaterra e de Nova Iorque queimando os pés para longe da revolução.

A Traição as aspirações das massas

Mas as lutas internas continuavam, agricultores descontentes e ex-soldados da Guerra Revolucionária organizaram protestos exigindo que aqueles que tinham lutado por liberdade e igualdade também deviam ter igualdade econômica. Isto aterrorizou os novos líderes dos estados e levou à adoção de uma nova Constituição.

A nova Constituição adotada em 1789 e vigente até nossos dias, contou com uma estrutura federal muito mais centralizada do que os antigos Artigos da Confederação. Outras revoltas, como a Rebelião do Uísque na Pensilvânia Ocidental, foram posteriormente abatidas como demonstração de força do novo estado nacional.

A jovem burguesia americana agora tinha o poder firmemente em suas mãos e começou a criar estruturas, leis e instituições para se enriquecer e defender seus interesses. Ela utilizou o poder estatal para extirpar os restos do velho sistema e construir alicerces sólidos para sua eventual ascensão à proeminência mundial.

O resultado potencial da revolução foi necessariamente limitado e condicionado pela etapa de desenvolvimento das forças produtivas e das classes na sociedade daquele tempo. Ela não poderia ter sido nada mais do que uma revolução burguesa e, tanto quanto as revoluções burguesas podem ir, ela estava bem à frente do seu tempo.

Apesar da grandiosidade do feito para época, muitas contradições sobram desse processo, a maior delas: o trabalho escravo. A independência política, não significou o fim da escravidão ou a ampliação dos direitos dos indígenas ou das mulheres. Não é à toa que a escravidão esteve no centro da próxima revolução americana, 80 anos depois, através de uma guerra civil, a guerra de secessão. E só no século XX os negros passariam a ter direitos políticos.

TEXTO 2

1861-1865- Segunda Revolução Americana: Guerra Civil ou de Secessão.

A Guerra Civil Americana, ou Guerra de Secessão, ocorreu de 1861 a 1865, 85 anos após a guerra da Independência. Foi um confronto entre o norte comandado pela burguesia industrial (União) e o Sul, comandado pela aristocracia latifundiária e escravista (Confederados).

Após a independência, em 1776, os Estados Unidos iniciaram a ocupação continental, eliminando as fronteiras e estendendo o domínio americano do Atlântico ao Pacífico. Essa expansão territorial, ao longo dos anos, se utilizou de guerras (como a do México, 1846, que agregou mais de meio milhão de quilômetros quadrados aos EUA), compra de territórios (como o da Louisiana, em 1803, junto à França), anexações (exemplo de Oregon, em 1845). Em 1998 os EUA contavam com uma área continental de 7.769,400 km².

A expansão para o Oeste desequilibra a relação de forças entre norte e sul e reacende a luta pelo poder político da União sendo, portanto, um dos estopins da guerra civil.

O Sul queria se separar da União, manter e expandir o regime de escravidão como base de sua economia de exportação de matéria primas. O Norte queria manter a União e organizar um poder político republicano a serviço do desenvolvimento do capitalismo industrial e a favor de conter o regime escravocrata nos seus limites.

O confronto entre o Sul e o Norte era, assim, um confronto dirigido por forças capitalistas dos dois lados. Uma regressiva (sul) e outra progressiva (norte).

Foi a primeira guerra da era industrial, armas de fogo (precursoras da metralhadora moderna) foram produzidas, aprimoradas e utilizadas de forma massiva, bem como os transportes modernos, como trens, navios a vapor e as comunicações telegráficas.

Foi o maior conflito militar da América. Houve batalhas em 23 Estados americanos, matando cerca 600 mil (James West fala em 750 mil) soldados americanos e um número indeterminado de vítimas civis. Alguns historiadores falam de mais de 900 mil mortos, se contarmos não só os que morreram nas batalhas, mas também os que foram vítimas das consequências da guerra, com as doenças, a fome e o abandono, etc.

Foram vinte bilhões de dólares gastos na guerra, mais de onze vezes todo o dinheiro desembolsado pelo governo federal entre 1789 e 1861.¹²

Os Estados do Sul

Antes da independência o sul baseava-se na agricultura de exportação, em base a mão de obra escrava, produziam principalmente tabaco, açúcar e arroz. Mantinham um bom relacionamento com a Inglaterra e suas exportações não competiam com as da metrópole. Com a Independência, esse panorama se modificou, pois a ruptura gerou

hostilidades com a antiga colônia que levou a perda de mercados e a decadência desses produtos. Como alternativa surge uma nova lavoura, o algodão de fibra curta, que se adaptou facilmente ao clima dessa região.

Com o boom do algodão, a pequena propriedade foi perdendo terreno para a grande produção escravista. Além disso, a Revolução Industrial foi fundamental para o sucesso dessa lavoura. O descaroçador inventado por Eli Whitney, e as novas máquinas da indústria têxtil estimularam ainda mais o plantio do algodão. Até cerca de 1830, foi a causa mais importante do desenvolvimento da indústria nesse país. Desde 1840 até os tempos da Guerra Civil, a Grã-Bretanha absorveu dos estados do sul quatro quintos de todas suas exportações de algodão. Em 1860 às vésperas da guerra, essa produção representava mais da metade das exportações dos EUA).

Apesar das altas taxas de lucro obtidas com a escravidão, a maioria da população dos estados que utilizavam o braço escravo possuía baixíssima qualidade de vida. Em 1860, o sul possuía 12 milhões de habitantes, 8 milhões eram brancos e 4 milhões eram negros.

Os Estados do Norte

Desde o início da colonização o Norte não atraiu o interesse da Inglaterra. As condições naturais das colônias do Norte eram semelhantes às da Europa, o que as tornava inadequadas ao projeto do capital comercial de exploração agrária de artigos de exportação, além disso não havia condições de mineração de metais preciosos. Daí o desinteresse e mesmo a hostilidade do capital comercial metropolitano em relação às colônias de povoamento. Dessa forma, a região norte se desenvolveu com características e interesses bem diferentes do Sul, a economia das colônias do Norte era baseada na plantação de gêneros de subsistência (que também geravam excedentes comerciáveis) como o trigo, aveia, milho, bem como na criação de gado, porcos e ovelhas. A pesca era também uma importante atividade, bem como a indústria naval, beneficiada pela grande quantidade de madeira disponível. O desenvolvimento das cidades fez com que tanto as manufaturas quanto o comércio prosperassem, apesar das proibições e restrições impostas a uma e outra atividade. O comércio de peles, valiosas no mercado europeu, também compunha o quadro econômico da região. Também possuíam mais autonomia e liberdade em seus governos, desenvolvendo instituições democráticas.

Às vésperas da Guerra Civil essa região contava com uma população de cerca de 22 milhões de habitantes, dominada por uma importante burguesia industrial, que acumulou capital desde o período colonial, e que deu um salto depois da independência, junto com a burguesia desenvolveu uma crescente classe operária fabril, com destaque para as operárias do setor têxtil, com trabalho assalariado.

O Algodão, durante um período, harmoniza Sul e Norte.

O cultivo do algodão com mão de obra escrava no Sul durante muitos anos beneficiou o Norte e foi uma base importante para que a burguesia Industrial e senhores de escravos convivessem em harmonia.

Os plantadores de algodão forneciam as matérias-primas para metade dos tecidos de lã. A parcela de renda nacional gerada pelos fabricantes de tecidos de algodão era maior do que a gerada pela indústria do ferro. Os nortistas faziam lucros, e grandes, com a venda do algodão.

Apesar de se beneficiar da produção de algodão com trabalho escravo, a burguesia nortista era contrária à expansão da escravidão, pois limitava o crescimento do mercado interno e a mão de obra livre assalariada. Mas até então convivia pacificamente, defendendo liberdade como “princípio” e ao mesmo tempo se beneficiando do trabalho escravo.

A expansão para o oeste acende as diferenças e a disputa pelo poder entre a burguesia industrial e oligarquia escravista.

O Oeste, contava com terras de agricultores e pecuaristas livres e muita terra ainda não povoada. Sua população era composta, em boa parte, por imigrantes europeus (alemães em particular e descendentes de ingleses) e até o início do conflito se aproximava de 8 milhões de pessoas (cresceram 67% em 10 anos).

Entre 1815 e 1860 essa região transformou-se em uma zona de agricultura comercial, inicialmente deslocava parte de sua produção para o sul, mas graças aos novos canais e estradas de ferro foi possível melhorar a distribuição de seus produtos ampliando para o leste e para o norte (grande mercado consumidor). O “casamento do ferro com o centeio” alinhou Norte e Oeste.

Marx considerava que o rápido crescimento econômico e populacional dos estados do noroeste era a causa do aumento dos conflitos entre o Sul e o Norte. Esse desenvolvimento acelerado dos estados do noroeste alterou profundamente a balança política dos Estados Unidos e garantiu a vitória dos republicanos nas eleições de 1860. Foram também esses estados, segundo Marx, os primeiros a se manifestarem contra a secessão (separação)¹³.

O Sul ainda almejava expandir suas plantações para áreas do Oeste Americano que ainda não estavam povoadas e isso se tornou vital. O modelo econômico do sul era o da grande plantação de algodão, açúcar e tabaco com o uso extensivo de terras e trabalho escravo. O esgotamento do solo ocorria rapidamente obrigando a expansão territorial. Antigos estados escravistas, como a Virginia e Maryland, deixaram de ser exportadores de produtos agrícolas e passaram a ser exportadores de escravos para outros estados do Sul.

A razão principal para a ofensiva dos escravistas do Sul foi, segundo Marx, a necessidade de novos territórios e da extensão territorial, social e política da escravidão que o Sul possuía: *“a expansão contínua do território e a extensão contínua da escravidão além de seus antigos limites é uma lei vital para os estados escravistas da União”*¹⁴.

Além disso a questão se os novos estados do Oeste seriam escravocratas ou não também decidiam o jogo de poder no Senado¹⁵. Isso gerou um grande embate político, pois se a escravatura continuasse a expandir para as terras do Oeste os políticos do Sul teriam a maioria dos votos no Senado e assim conseguiriam sobrepor seus interesses sobre os nortistas.

Os sulistas acompanhavam com atenção o crescimento do número de deputados abolicionistas e, em 1819, consideraram seu direito de incluir o Missouri entre os estados escravistas, o que lhes daria a maioria no Senado. A partir dessas reivindicações, foi estabelecido o “Compromisso de Missouri”, em que ficou proibida a escravidão ao norte do paralelo 36°30’, além de estabelecer Missouri como um estado escravista e Maine antiescravista. Dessa forma, a União contava com 22 estados, sendo 11 escravistas e 11 antiescravistas, o que mantinha um equilíbrio de representação no Senado.

Em 1848 foram incorporados à União mais seis membros: Arkansas, Flórida, Texas, Michigan, Iowa e Winconsin, os três primeiros escravistas e os três últimos antiescravistas. A escravidão era o tempo todo negociada pelos nortistas, não era um problema moral para a burguesia, mas sim econômico e político.

Uma nova ameaça de desequilíbrio surgiu quando a Califórnia reivindicou seu reconhecimento como estado e representação no senado. A Califórnia havia atraído cerca de 80 mil imigrantes em dois anos e era antiescravista. Após vários debates no Congresso, surge um novo acordo o “Compromisso de 1850”, a Califórnia seria aceita com um estado não-escravista, fazendo pender a maioria do Senado a favor da abolição. Em contrapartida, nos demais territórios conquistados ao México – Utah e Novo México -, a entrada na União ficou assegurada “com ou sem escravidão”, deixando que o estado decidisse, o que favorecia os sulistas¹⁶.

Passada uma década de paz, em 1854, surge um novo debate quanto à colonização de Kansas e Nebraska, e o resultado desse debate dividiu de vez o país, pois os sulistas, representados por David Atchison, propuseram uma lei em que nenhum projeto de administração territorial poderia ser aprovado a não ser que contivesse uma cláusula que anulasse a proibição da escravidão. O Congresso aprovou o projeto, que passou a se chamar Lei Kansas-Nebraska. Os nortistas ficaram indignados pelo fato de o governo federal e o presidente Franklin Pierce (1853-1857) terem se curvado diante dos escravocratas.

Eleição de Lincoln¹⁷ e a criação dos estados confederados

Como reação os republicanos moderados juntamente com abolicionistas radicais fundam um novo Partido, o partido republicano e lançam Abraham Lincoln como candidato. Lincoln, como reflexo de uma efervescência por baixo, é eleito Presidente dos EUA em 1860. Os levantes negros em janeiro de 1860 em protesto contra a execução de John Brown¹⁸, eram um exemplo claro do que ocorria por baixo.

Esse foi o estopim necessário para o início formal das hostilidades entre as duas regiões. Lincoln era um representante do Norte, filho de agricultores pobres, perdeu o pai e a mãe ainda muito jovem, trabalhou desde criança, foi autodidata e virou advogado, foi o primeiro presidente a se posicionar contra o sistema escravocrata.

Mas Lincoln estava longe de ser um abolicionista radical, seu programa apresentado nas eleições não propunha o fim da escravidão e sim a sua contenção. Defendia que os novos estados criados não fossem escravistas, a manutenção da proibição do comércio de escravos, e que as terras livres dos novos territórios fossem colonizadas por trabalhadores livres. Em busca de conquistar eleitores no Sul, os republicanos silenciavam sobre a emancipação dos escravos dos estados onde a escravidão era legal. Mas mesmo essa tímida plataforma eleitoral já era suficiente para que a vitória no pleito levasse a uma luta aberta entre o Norte e o Sul¹⁹.

O Sul considerou Lincoln uma ameaça ao sistema, dando início a um processo de não reconhecimento da União e separação do governo federal. Começou com a Carolina do Sul, em seguida outros estados algodoeiros, como a Geórgia, Alabama, Flórida, Mississippi, Louisiana e o Texas acabaram aderindo à Carolina do Sul. Em 8 de fevereiro de 1861 criaram oficialmente a nova nação: Estados Confederados da América, elegendo Jefferson Davis, fazendeiro do ramo do algodão, seu presidente.

A Guerra de Secessão

A partir da separação desses estados, iniciou-se em 1861 a Guerra de Secessão que perdurou até 1865.

No seu primeiro discurso como presidente, Lincoln declarou a secessão ilegal. Mas não partiu para guerra de imediato, terminou o seu discurso com um pedido de restauração dos laços da União. O Sul, ignorou o pedido, e em 12 de abril, atacou as tropas federais no Fort Sumter, em Charleston, Carolina do Sul, até que tais tropas se renderam. Esse foi o marco inicial da Guerra.

Abraham Lincoln então declarou a todos os estados do Norte que cedessem tropas para capturar o forte, e assim, preservar a União. A maioria dos nortistas acreditavam que uma vitória rápida da União iria aniquilar a rebelião. Mas não foi assim, o sul resistiu e começou a avançar. A guerra durou 4 anos.

A União declarou guerra aos estados confederados.

“Se é verdade que o Norte, depois de longas hesitações, e de exibir uma paciência desconhecida nos anais da história da Europa, empunhou finalmente a espada, não para esmagar a escravidão, mas para salvar a União, o Sul, por sua parte, inaugurou a guerra proclamando 'a instituição peculiar'²⁰ como o fim único e principal da rebelião. Confessou lutar pela liberdade de escravizar outras pessoas, uma liberdade que, apesar dos protestos do Norte, afirmou ser posta em perigo pela vitória do Partido Republicano e a eleição do Sr. Lincoln para a cadeira presidencial.” (MARX)

A questão da escravidão no centro do conflito

Como expressão central da luta pelo poder econômico social e político entre a oligarquia agrária escravista e a burguesia industrial, estava a questão da escravidão.

“Todo o movimento era e é baseado, como se vê, na questão da escravidão. Não no sentido de saber se os escravos devem ser emancipados a título definitivo ou não nos atuais estados escravistas, mas se os 20 milhões de homens livres do Norte devem continuar se submetendo a uma oligarquia de 300 mil donos de escravos; se os vastos territórios da república devem ser viveiros para estados livres ou para a escravidão”. (...) “A luta presente entre o Sul e Norte é, portanto, nada mais que uma luta entre dois sistemas sociais, o sistema de escravidão e do sistema de trabalho livre. A luta irrompeu porque os dois sistemas não podem mais viver pacificamente lado a lado no continente norte-americano. Ela só pode ser encerrada com a vitória de um sistema ou outro.” (Marx)

Os Confederados estavam em desvantagem, pois sua população era de aproximadamente 9 milhões de habitantes, cerca de 4 milhões seriam escravos (e não podiam integrar o exército sulista) suas armas eram ultrapassadas, dependiam da importação de armas da Europa. Por outro lado, contavam com militares experientes que saíram da União e tornaram-se fiéis aos Confederados. Foi o caso do general Robert E. Lee, veterano na guerra contra o México, foi convidado por Lincoln para comandar as tropas da União, mas optou pelos Confederados se tornando chefe maior do exército sulista.

O exército da União era mais numeroso e organizado, mas seus comandantes tinham menos experiência militar, com cerca de 22 milhões de habitantes e com uma economia dinâmica, podia contar também com os avanços tecnológicos, como o telegrafo e a locomotiva a vapor, que foram estratégicos na guerra.

Mas a União tinha uma posição vacilante na Guerra, na busca de manter seus aliados escravagistas dos estados fronteiriços (Delaware, Maryland, Kentucky e Missouri), que se mantiveram na União. Um exemplo claro, foi o caso do general Fremont da união, que na batalha travada em Missouri decretou o confisco das propriedades daqueles que apoiassem a Confederação e a emancipação dos escravos dos rebeldes. A pedido dos escravagistas da União, Fremont, foi demitido e seu decreto revogado por Lincoln.

Esse método diplomático que travava o avanço da guerra trazia crises, o Norte começou a acumular várias derrotas militares, algumas humilhantes, a desmoralização e deserção nas bases aumentavam a cada dia. Vários generais da união, que estavam no campo de batalha, viam como única saída para vencer a guerra a emancipação dos escravos. O coronel John Cochrane reivindicou o “armamento de todos os escravos como uma medida militar”. E foi apoiado pelo secretário de Guerra Simon Cameron, mas ambos foram censurados pelo governo.

Engels criticava duramente o Governo e o congresso. Também não poupou os generais nortistas:

“Um mais estúpido do que o outro” e “incapazes da menor iniciativa e de uma decisão independente” (...) “Incompetência e covardia em todo lugar, exceto entre os soldados comuns” (...) “a menos que o Norte imediatamente adote uma postura revolucionária receberá a terrível surra que merece, e isso é o que parece acontecer.”²¹

Marx tinha uma diferença com Engels sobre a perspectiva da Guerra. Ele dizia que essa postura de uma república burguesa era esperada, mas que as forças revolucionárias por baixo iam transformar a guerra Civil pela União numa guerra revolucionária contra a escravidão. Para Marx, se Lincoln não tomasse a iniciativa e abandonasse a via diplomática, os estados do Noroeste e da Nova Inglaterra poderiam passar eles próprios à ação.

Pressionado pelas derrotas militares e pela perda de apoio por baixo, Lincoln adotou algumas medidas que foram fundamentais para retomar o controle e conter a fragmentação da União.

Em 1861, foi aprovada a “Lei do Confisco”, em que as propriedades dos confederados poderiam ser confiscadas pelos nortistas. Em 1862, foi promulgada a Lei das Terras, que entregava um quarto de um distrito ainda não desenvolvido no Oeste para qualquer família ou indivíduo maior de 21 anos dispostos a migrar para a região. O objetivo de Lincoln era manter o território ainda não ocupado fiel à União. Os sulistas, que já haviam começado a expandir suas plantations para o Oeste, tiveram que frear o processo.

Uma medida histórica e revolucionária

Em setembro de 1862, emitiu uma proclamação que anunciava a emancipação dos escravos de todos os territórios confederados que não retornassem à União até o dia 1º de janeiro do ano seguinte. O que foi feito. Em janeiro de 1863 **foi promulgada a Lei de Emancipação dos Escravos nos estados Confederados** (porém uma lei federal proibindo a escravidão em todo o território nacional só foi promulgada 1865, com a Décima Terceira Emenda da Constituição Norte-americana).

“O manifesto abolindo a escravidão, é o documento mais importante na história americana desde o estabelecimento da União, equivalente a rasgar a ponta da antiga Constituição Americana”. (Marx)

Com essa medida a guerra começa a dar uma virada.

O historiador negro Du Bois, considerou que a fuga de escravos das plantações do Sul durante a guerra teve o alcance de uma verdadeira greve geral: *“esses escravos tem um enorme poder em suas mãos. Simplesmente parando de trabalhar eles podem ameaçar de inanição a Confederação. Caminhando para os campos da Federação eles mostraram a vacilantes nortistas a possibilidade de usá-los facilmente e, ao mesmo tempo, privar os inimigos de usá-los em seus campos”*. Para Du Bois, foi essa greve geral dos trabalhadores negros a causa principal da derrota dos exércitos confederados.²²

Em maio de 1864 os exércitos da União, comandados pelo general Grant lançaram a terceira ofensiva contra Richmond, a sede do governo confederado.

Com a emancipação dos escravos, e recuperação do folego militar, Lincoln é reeleito Presidente em novembro de 1864. Vale um parêntese, o Norte quase perdeu a Guerra: Mesmo com os confederados na defensiva, o adversário

de Lincoln na eleição, George Macclellan, queria negociar e acabar com a guerra, o preço era permitir a sobrevivência da escravidão. Lincoln estava desgastado com 4 anos de guerra, milhares de mortos, fome, doenças, destruição, o povo queria o fim da guerra. Lincoln balançou, mas ele já tinha ido longe demais para recuar, e o quadro militar virou a favor da União.

No início de 1865 a guerra já estava decidida. O Sul estava destruído, militar e economicamente, sem apoio e isolado, não conseguia repor seu exército, que se desintegrou, tampouco conseguia mais vender algodão e fabricar armas. O norte ainda tinha cartucho para queimar, econômicos e militares.

Os governos dos grandes países Europeus, como Inglaterra e França, como disse Novack, olhavam como abutres a guerra civil americana, torcendo por sua derrota, mas em função das suas próprias crises internas e do perigo que seria apoiar a banda escravocrata não se meteram e nem se posicionaram formalmente no conflito. Por outro lado o movimento operário europeu se manifestava a favor do norte e via com entusiasmo a luta contra a escravidão nos EUA.

Em 9 de abril de 1865 o general Robert E. Lee, chefe maior dos exército confederado finalmente se rendeu perante o general Grant em Appomattox.

Em 14 de Abril, Presidente Abraham Lincoln é atingido pelas costas por um tiro na cabeça, pelo ator e simpatizante confederado John Wilkes Booth, durante uma apresentação no Teatro Ford. Em 15 de Abril, morre o Presidente Lincoln. Em 26 de abril o assassino de Lincoln é capturado e assassinado na Virgínia. Em 10 de maio, o presidente confederado Jefferson Davis é capturado pelas tropas americanas na Georgia e em 26 de maio de 1865, com a rendição das últimas tropas confederadas do Trans-Mississippi do General Smith, New Orleans, Louisiana, a a Guerra Civil chega ao fim.

Em 20 de Agosto o Presidente Andrew Johnson declara formalmente o fim da guerra civil.

Com o fim da Guerra Civil, a União manteve-se preservada.

A abolição da escravidão foi uma enorme conquista, mas a questão racial nos EUA estava longe de ser resolvida. A guerra Civil, embora tenha conduzido à derrota dos escravistas, permaneceu como uma revolução bloqueada. Seu resultado foi, assim, uma emancipação cheia de fragilidades, de falhas. Os decretos permitiam que os negros fossem presos por não ter casa ou trabalho, podiam ser alugados e obrigados a trabalhar, converteram trabalhadores negros em servos nas plantações, presos a elas. Uma escravidão com um novo nome.

Por outro lado, os libertos passaram a lutar pelos seus direitos, a se organizar, muitos se uniram aos republicanos e conquistaram postos políticos. Houve uma forte reação dos ex-confederados que organizaram sociedades secretas, como a Ku Klux Klan, para caçar os negros, invadiam suas casas e reuniões, incendiavam igrejas, os assassinavam, em particular militantes e líderes políticos.

A segregação racial que assentou suas bases após o fim da guerra e manteve os trabalhadores afrodescendentes sob grilhões e os trabalhadores brancos sob o garrote do capital.

Sob o comando dos capitalistas industriais do Norte, promovendo uma modernização gigantesca da estrutura econômica norte americana no século XIX, os Estados Unidos tinham como vocação ultrapassarem economicamente as nações europeias, o ocorreu no início do século XX.

Junto com a burguesia industrial se desenvolveu também uma forte classe operaria. As forças liberadas com vitória do norte e suas contradições, também impulsionaram a organização independente do movimento operário.

No norte dos Estados Unidos a situação dos trabalhadores se identificava a dos trabalhadores europeus: desemprego, baixos salários, condições desumanas de vida e de trabalho, exploração da mão-de-obra feminina e infantil, horas exaustivas de trabalho, péssimas condições de saúde e de moradia. O movimento sindical norte-americano iniciou sua organização já em 1827, ano em que os operários realizaram a primeira greve e criaram a União das Associações dos Trabalhadores da Filadélfia. O movimento operário cresce em organização e intensidade, consequência da situação lastimável dos trabalhadores. Em 1866, logo depois da vitória do norte na guerra o Congresso Operário de Baltimore aprova uma campanha pela adoção da jornada de 8 horas de trabalho.

O Senado americano 1868 determinou o regime de 8 horas para todos os empregados da União. Cresce o número de organizações da classe operária, sobretudo nos anos 1882-1885; surgem no país mais de trezentos jornais produzidos pelos próprios trabalhadores e por grupos socialistas e anarco-sindicalistas.

20 anos depois, cerca de 320 mil trabalhadores saem às ruas em diversos estados americanos. Os principais centros industriais dos Estados Unidos paralisam suas atividades no dia 1º de maio de 1886, pra o desespero dos empresários e políticos norte-americanos. A repressão foi brutal e ocorre o famoso massacre de Chicago, dando origem as comemorações de 1 de maio.

Notas

¹ Os cercamentos legais foram um fenômeno ocorrido na Inglaterra de Elizabeth I, desde o século XVII, que marcam o início da Revolução Industrial. Consistiam na transformação das terras comuns aos senhores e servos, provenientes da antiga relação feudo-vassálica, em pastos para as ovelhas. A lã era, junto com o carvão e o ferro, um dos pilares da expansão comercial inglesa.

² Variante do protestantismo. O grupo dos Calvinistas surgiu de João Calvino. Defendia a teoria da predestinação, ou seja, Deus já sabia o que iria acontecer no seu destino, e o sinal que ele dava para você poder saber se iria ter um destino bom ou ruim era o dinheiro, então se a pessoa fosse rica era sinal de que teria uma vida boa, mas caso não tivesse tanto dinheiro era sinal de que não teria uma vida boa. Na Inglaterra o grande período puritano se passou, mas nos EUA foi forte desde o início da “Nova Inglaterra” (1620) até o Grande Despertamento (em 1740).

³ Luta de classes e a Revolução Americana, John Peterson. Artigo, 2016.

⁴ Em 1676, Nathaniel Bacon, um próspero plantador de Virgínia, liderou uma rebelião contra o governo colonial devido à tensão entre a os latifundiários e os pequenos agricultores. Durante a rebelião, Bacon fundou uma coligação composta por agricultores brancos e negros libertos.

⁵ Ante o temor desta unidade de classe atravessando as linhas raciais, e como os negros podiam ser mais facilmente identificados do que os brancos, foram aplicados distintos padrões para punir os rebeldes, e a preferência pela importação de escravos africanos cresceu.

⁶ George Greenville, lorde do tesouro britânico, propôs a lei do selo, que previa que selos fossem colados em determinados documentos como jornais, revistas, licenças comerciais, entre outros, mediante a devida tributação.

⁷ Tornou-se comum a expressão “No Taxation without representation” (sem representação não há tributação), por meio da qual afirmavam que a imposição de impostos sem seu devido consentimento era considerado tirania.

⁸ Luta de classes e a Revolução Americana, John Peterson. Artigo, 2016.

⁹ Thomas Jefferson (1743-1826). (Em relação à vida de Thomas Jefferson ver o filme “Jefferson Em Paris”).

¹⁰ Junqueira, Mary A.4 de Julho de 1776: Independência dos Estados Unidos da América – São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007, pp:43.

¹¹ Junqueira, Mary A.4 de Julho de 1776: Independência dos Estados Unidos da América – São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007, pp:43.

¹² James West Davidson. Uma breve história dos estados unidos.

¹³ *Bianchi, Álvaro. Lincoln, Marx e a Guerra civil nos Estados Unidos. Artigo publicado na Revista Outubro, n. 22, 2º semestre de 2014.*

¹⁴ Idem.

¹⁵ *Cada estado tinha direito a dois senadores.*

¹⁶ *Tinham a maioria dos votos. Os escravos e mulheres não votavam.*

¹⁷ *Alguns historiadores, em função do apoio de Marx ao Norte, e da mensagem enviada pela AIT por conta da reeleição de Lincoln, atribuem a Marx um relação de apoio e admiração por Lincoln, que não corresponde à realidade. Sobre o tema recomendamos ler o artigo de Álvaro Bianchi, em particular a parte sobre “A Associação Internacional dos Trabalhadores e Lincoln”.*

¹⁸ *John Brown defendia a luta abolicionista armada. Se referindo a resistência pacífica do norte contra a escravatura, disse a seguinte frase: “estes homens só falam, o que precisamos é de ação, ação!”. Organizou o assalto ao arsenal federal de Harpers Ferry. Após apreender o armamento, com o objetivo de armar os escravos, os adeptos do seu grupo foram mortos ou capturados e ele foi enforcado 1859. As ações de John Brown foram de profunda influência para o início da Guerra Civil Americana.*

¹⁹ *Bianchi, Álvaro. Lincoln, Marx e a Guerra civil nos Estados Unidos. Artigo publicado na Revista Outubro, n. 22, 2º semestre de 2014.*

²⁰ *Uma “instituição particular” foi o termo cunhado pelo vice-presidente da Confederação, Alexander H. Stephens, para referir-se à escravidão: “A nova constituição [da Confederação] assentou, para sempre, todas as agitadas questões relacionadas com a nossa instituição peculiar, a escravidão Africano como existe entre nós, o estado adequado do negro em nossa forma de civilização. Esta foi a causa imediata da anterior ruptura e da revolução atual.” (Stephens, 1866, p. 721) O discurso do vice-presidente também deixava clara qual era a real causa da guerra: “Nosso novo governo está fundado (...) sobre a grande verdade, que o negro não é igual ao homem branco; que a subordinação do escravo à raça superior é a sua condição natural e normal” (idem).*

²¹ Citado por Bianchi, Álvaro. Lincoln, Marx e a Guerra civil nos Estados Unidos.

²² Idem.